

OBSERVATORIO DE LAS CIENCIAS SOCIALES EN IBEROAMÉRICA

OCSI/ ISSN 2660-5554

FORMAÇÃO E DEFORMAÇÃO DAS CIDADES: notas para discussão

Sérgio Paulo de Oliveira

Doutorando em Sociedade, Cultura e Fronteiras pela Universidade Estadual do Oeste (UNIOESTE). Mestre em Políticas Públicas e Desenvolvimento pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA. E-mail: prof.sergio2021@hotmail.com

Gilson Batista de Oliveira

Doutor em Desenvolvimento Econômico pela Universidade Federal do Paraná. Docente do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Desenvolvimento (PPGPPD) e do Programa de Pós-Graduação em Economia (PPGE) da Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA. E-mail: gilbaol@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo discutir o processo de urbanização; seus componentes, formas, consequências e teorias. Não se trata de um estudo aprofundado a respeito de uma cidade, região ou país, nem mesmo se faz um estudo dessas dinâmicas em um determinado momento histórico. Trata-se, isto sim, da busca de uma maior compreensão do fenômeno como um todo ao partir do princípio de que enquanto os homens tentam moldar as cidades, as mesmas também acabam, em contrapartida, por moldar os homens. Assim, o tecido urbano, bem como suas inúmeras características, é compreendido como um organismo vivo que não apenas se submete, mas também submete o ser humano a se formar ou deformar junto com ele. Essa compreensão acerca da cidade se constrói através das impressões, palavras e visão de diversos personagens através dos tempos, tais como economistas, sociólogos, filósofos, poetas, romancistas, entre outros. A partir dessa visão multidisciplinar, busca-se, com o presente texto, oferecer ao leitor a possibilidade de um olhar diferente e uma compreensão particular sobre a cidade.

Palavras-chave: cidades, urbanização, população urbana.

FORMATION AND DEFORMATION OF CITIES: notes for discussion

ABSTRACT

The present work aims to discuss about the process of urbanization; its components, forms, consequences and theories. This is not an in-depth study of a city, region, or country, nor is a study of these dynamics at a particular historical moment. Rather, it is a search for a greater understanding of the phenomenon as a whole, starting from the principle that while men try to shape cities, they also, in turn, shape men. Thus, the urban texture, as well as its innumerable characteristics, is understood as a living organism that not only submits itself but also

submits the human being to form or deform together with it. This understanding about the city is built through the impressions, words and vision of various characters throughout the ages, such as economists, sociologists, philosophers, poets, novelists, among others. From this multidisciplinary view, this text seeks to offer the reader the possibility of a different look and a particular understanding of the city.

Key words: cities, urbanization, urban population.

FORMACIÓN Y DEFORMACIÓN DE CIUDADES: notas para discusión

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo discutir el proceso de urbanización; sus componentes, formas, consecuencias y teorías. No es un estudio en profundidad de una ciudad, región o país, ni siquiera es un estudio de estas dinámicas en un momento histórico determinado. Se trata, más bien, de la búsqueda de una mayor comprensión del fenómeno en su conjunto, partiendo del principio de que mientras los hombres intentan dar forma a las ciudades, también terminan, por otro lado, dando forma a los hombres. Así, el tejido urbano, además de sus innumerables características, es entendido como un organismo vivo que no solo se somete a sí mismo, sino que también somete al ser humano a formarse o deformarse con él. Esta comprensión de la ciudad se construye a través de las impresiones, palabras y visión de diversos personajes a lo largo del tiempo, como economistas, sociólogos, filósofos, poetas, novelistas, entre otros. Desde esta mirada multidisciplinar, el presente texto busca ofrecer al lector la posibilidad de una mirada diferente y una comprensión particular de la ciudad.

Palabras clave: ciudades, urbanización, población urbana.

1. INTRODUÇÃO

O pensamento sobre a cidade, em princípio, tratava-se de um tema que aparecia mais na análise e denúncia das condições da vida urbana. Assim ocorreu com a obra de Engels (2008) e também com os socialistas utópicos, em especial, Charles Fourier que viveu na passagem do século XVIII para o século XIX e que preconizava como base da transformação social, a cidade ideal, os Falanstérios.

Após essas concepções, o pensamento sobre a cidade teve diferentes abordagens através das Escolas Nacionais, quer sejam, a da Alemanha (1870-1890) tendo como principais representantes Georg Simmel, Max Weber, Walter Benjamin e Werner Sombart, sendo que a preocupação principal dessa escola estava centrada na influência que o espaço urbano exercia na formação da personalidade do indivíduo ou de uma cultura específica. Dessa forma, a cidade era vista como objeto de estudos privilegiados da modernidade em sua dimensão histórica e cultural.

Na Escola Nacional Francesa (1877-1945) – que teve como expoentes Maurice Halbwachs, Henri Lefebvre e Manuel Castells – igualmente a cidade era entendida como objeto de estudos privilegiados da modernidade, entretanto, em sua dimensão racional e utópica.

Por sua vez, nos Estados Unidos, a Escola de Chicago – à qual se atribui a emergência da Sociologia Urbana – foi mais pragmática através de estudos empíricos voltados à intervenção no tecido urbano. Deu especial ênfase à ecologia humana e ao impacto da estrutura urbana sobre as condições de sociabilidade.

Nesse sentido, o presente trabalho busca contribuir com reflexões a respeito do importante tema que é o processo de formação das cidades; suas interfaces e consequências diversas, em especial, sobre o ser humano. Como se pode observar, a conformação do tecido urbano se constitui em uma dinâmica multifacetada que interfere e determina vários aspectos da geografia humana e social de tal forma que a segregação, a pauperização e os efeitos deletérios ao meio ambiente constituem-se em marcas registradas das médias e grandes cidades da periferia mundial onde espaço e homens modificam e são modificados.

Assim sendo, esse estudo busca analisar o processo de urbanização alicerçado em uma diversificada revisão bibliográfica que reflete o pensamento da sociologia, economia, arquitetura e história além de se servir da literatura, mais especificamente, do romance e da poesia.

2. CRESCIMENTO DAS CIDADES E CONSEQUÊNCIAS

Ao afirmar que “o inferno é uma cidade muito parecida com Londres / Uma cidade com muita gente e muita fumaça”, o poeta romântico inglês, Percy Bysshe Shelley¹, que morreu prematuramente, ainda não havia presenciado maior parte do processo de transformação pelo qual Londres e diversas outras cidades europeias passariam nos anos seguintes.

Engels, em seu relato clássico que buscou retratar as deploráveis condições de vida da classe trabalhadora na Inglaterra, denuncia o estado de miserabilidade que tomava conta das cidades em meados do século XIX:

Estas ruas são em geral tão estreitas que se pode saltar de uma janela para a da casa em frente, e os edifícios apresentam por um lado uma tal acumulação de andares que a luz mal pode penetrar no pátio ou na ruela que os separa. Nesta parte da cidade, não há nem esgotos nem lavabos públicos ou retretas nas casas e por isso que as imundícies, detritos ou excrementos de, pelo menos 50.000 pessoas são largados todas as noites nas valetas, de tal modo que, apesar da limpeza das ruas, há uma massa de excrementos secos com emanções nauseabundas, que não só ferem a vista e o olfato, como, por outro lado, representam um perigo extremo para a saúde dos habitantes. Será para admirar que em tais sítios se negligenciem os mínimos cuidados com a saúde, os bons costumes e até as regras mais elementares de decência? Pelo contrário, todos os que conhecem bem a situação dos habitantes testemunharão o alto grau que a doença, a miséria e ausência de moral ali atingiram.

¹ Percy Blysse Shelley nasceu em 1792 no Reino Unido e faleceu em 1822 na Itália.

Nestas regiões a sociedade desceu a um nível indescritivelmente baixo e miserável (Engels, 2008, p. 69).

Da mesma forma que Shelley, ao afirmar que “Deus fez o campo e o homem fez a cidade” outro poeta inglês, William Cowper² teria muito mais a refletir a respeito da urbanização se tivesse tido a oportunidade de viver meio século mais tarde. Sem dúvidas, o homem fez a cidade, pois é um ser que se distanciou dos demais animais devido à sua propensão à interação social, conforme já profetizou John Donne em 1624, ou seja, aproximadamente um século e meio antes dos conterrâneos Shelley e Cowper: “Nenhum homem é uma ilha”³.

Acerca dessa “construção” das cidades, desse suposto desenvolvimento, Alberto Acosta, autor do livro *O Bem Viver* (2016), em evento de lançamento de sua obra no Brasil, afirmou em vídeo⁴ que chegou à conclusão de que o desenvolvimento é um fantasma; que o mesmo não se constitui em uma possibilidade real para a maioria dos países do mundo, haja vista que não há como se reproduzir a nível mundial o estilo de vida produtivista e consumista dos países do centro.

Acosta (2016) alerta ainda para o fato de que a sociedade mundial terá que se libertar da religião do crescimento econômico permanente, pois o mundo possui limites finitos e chega a se constituir numa irracionalidade imaginar que se possa continuar crescendo infinitamente, haja vista que se está quase que no limite da capacidade de suporte do planeta, especialmente no que se refere ao meio ambiente. No já citado vídeo, Acosta afirma: “[...] temos que começar a repensar em formas de descentralização, desconcentração, desurbanização e sei que o digo em uma das maiores cidades do planeta que pode tornar-se inabitável em termos ambientais, sociais e políticos como é São Paulo [...].”

A respeito da compreensão do fenômeno da urbanização e da dinâmica das cidades, Eufrásio (1999) apresenta a concepção de Robert Park (1915) que atribui às cidades o caráter de uma instituição e não um amontoado de pessoas e organizações. Park entende as cidades como:

[...] o lugar e as pessoas, com toda a maquinaria, sentimentos, costumes e recursos administrativos que as acompanham, a opinião pública e o trilho dos bondes nas ruas, o homem individual e as ferramentas que ele usa [...] alguma coisa mais que uma mera entidade coletiva [...] (Eufrásio, 1999, p. 49).

Becker (1996), em sua produção acerca da Escola de Chicago – que defendia a tese de que ao se estudar as cidades seria possível se compreender o mundo, pois todo mundo ou morava na cidade ou se encontrava a caminho da mesma – afirma que Park tinha consciência de existência de uma ligação entre esse entendimento e o pensamento de Durkheim (2010). Becker lembra ainda que Park, logo em seus primeiros tempos em

2 William Cowper nasceu em 1731 e morreu em 1800.

3 Disponível em: <<https://poesiaspreferidas.wordpress.com/2014/05/02/nenhum-homem-e-uma-ilha-john-donne/>>. Acesso em: 02 dez. 2019.

4 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=h4yK2ugTvWQ>>. Acesso em: 02 dez. 2019.

Chicago, tinha uma ideia central sobre a história do mundo naquela época, sobre o que estava ocorrendo. Em seu ensaio sobre a cidade, a via como um laboratório para a investigação da vida social.

Na perspectiva de que as cidades contêm uma carga material e simbólica sendo, em essência, um espaço social, Oliveira (2011), procede uma análise panorâmica acerca das grandes cidades latino americanas, mais especialmente, a Cidade do México, defende a ideia de que a cidade é um espaço social onde existe uma confluência de interesses e as disputas, negociações e acordos se expressam; um lugar em interminável mudança, inovação e transformação social: “[...] su espacio no es solo um escenario o reflejo de la sociedad sino una instancia constitutiva de ella, y por lo mismo el lugar de relaciones sociales” (Oliveira, 2011, p. 157).

Gottdiener (1993), ao tecer considerações a respeito da Teoria da Produção do Espaço de Lefebvre, analisa que as críticas do mesmo ao capitalismo se devem ao fato de que esse sistema econômico, ao produzir seu espaço, destrói a vida cotidiana, a natureza e o nível de civilização associado anteriormente à cidade.

O espaço, a terra, o solo não desapareceram, absorvidos pela produção industrial; ao contrário, integrados ao capitalismo, eles se afirmaram como elementos da sua extensão ativa. O capitalismo não só apreendeu o espaço preexistente, a terra, mas tende a produzir seu próprio espaço. Através da urbanização, sob a pressão do mercado mundial. Sob a lei do reproduzível e do repetitivo, eliminando as diferenças no espaço e no tempo, destruindo a natureza e o tempo natural. A ciência econômica, fetichizada em mercados mundiais e seu espaço, juntamente com a política levada ao absoluto, com o risco de destruir seu próprio alicerce, a terra, o espaço, a cidade e a zona rural, e conseqüentemente de destruir-se a si mesmas” (Lefebvre, 1974, p. 376 *apud* Gottdiener, 1993, p. 134).

Ao discorrer sobre Castells e a sua Teoria do Espaço, Gottdiener (1993), relata que encontrou na mesma uma linha de raciocínio que implica substituir a preocupação de como o espaço é produzido da forma pela qual se produzem os problemas urbanos⁵.

3. A URBANIZAÇÃO E A POBREZA

Na visão de Karl Marx (2011), o capitalismo produz o isolamento social das classes, o desenvolvimento desigual, ou seja, a disparidade entre ricos e pobres e sua segregação no espaço que caracterizam a conformação das cidades. Registre-se, a título de exemplo, que nestas precárias condições de trabalho e moradia, a vida útil de um trabalhador contemporâneo de Marx que morava em cortiços era de 17 anos.

⁵ Aqui cabe citar o trabalho de Castells *apud* Gottdiener (1993, p. 124): “Acredito que estamos à beira de uma catástrofe sócio-espacial gigantesca, mas não, como dizem os ecologistas, por causa do processo de metropolitanização e devastação dos recursos naturais. É porque os novos interesses dominantes e as novas revoltas sociais tendem a dissociar o espaço das organizações e o espaço da experiência”.

Nesse sentido, Sousa Santos (2007) ao trabalhar a teoria da Ecologia dos Saberes e abordar a questão pensamento abissal, ou seja, o sistema de distinções visíveis e invisíveis, de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos, faz a seguinte reflexão acerca do que ele mesmo denomina como “fascismo do *apartheid* social”:

Trata-se da segregação social dos excluídos através de uma cartografia urbana dividida em zonas selvagens e zonas civilizadas. As zonas selvagens urbanas são as zonas do estado de natureza hobbesiano, zonas de guerra civil interna como em muitas megacidades em todo o Sul global. As zonas civilizadas são as zonas do contrato social e vivem sob a constante ameaça dos selvagens. Para se defenderem, transformam-se em castelos neofeudais, os enclaves fortificados que caracterizam as novas formas de segregação urbana (cidades privadas, condomínios fechados, *gated communities*) [...] (Sousa Santos, 2007, p. 16).

Com idêntica linha de raciocínio à de Sousa Santos (2007), no que diz respeito à segregação urbana ou ambiental, especificamente no Brasil, Maricato (2003) afirma que a mesma é uma das faces mais importantes da desigualdade social, pois agregada a ela vem a dificuldade de acesso tanto aos serviços quanto à infraestrutura urbana quer sejam, transportes precários, saneamento deficiente, drenagem inexistente, dificuldade de abastecimento, difícil acesso a diversos serviços não apenas de saúde e educação, mas também de lazer ou até mesmo à justiça oficial. Some-se a isso, a maior vulnerabilidade a fenômenos “naturais” tais como desmoronamentos e enchentes ou aos “fenômenos” sociais, dentre eles, a violência, a discriminação racial ou de gênero. Importante destacar ainda que no que se refere às oportunidades de colocação no mercado de trabalho, os segregados urbano-espaciais têm menos oportunidades de emprego formal e de profissionalização.

Maricato (2003, p.152) entende que a construção de diversos conceitos, tais como exclusão social, inclusão precária, segregação territorial, informalidade e ilegalidade é desafiada pelo desenvolvimento da desigualdade e que isso, por sua vez, “[...] alimenta um debate sobre a ‘funcionalidade’ ou não do excesso de população para o capitalismo brasileiro ou a não aplicação do conceito marxista de exército industrial de reserva”.

Ao discorrer a respeito do cenário das grandes cidades subdesenvolvidas do século XXI, Ferreira (2000) se utiliza do conceito de “urbanização da pobreza” apontando que esse fenômeno se deve à industrialização tardia da periferia. Assim, a atratividade exercida pelos polos industriais sobre a massa de mão-de-obra expulsa da zona rural provocou, a partir dos anos 60, a explosão de grandes polos urbanos.

Lembra ainda Ferreira (2000) que essas regiões, em cidades do Terceiro Mundo, não receberam a necessária atenção do poder público no que se refere à provisão social de moradias, infraestrutura (saneamento, água tratada, luz, acessibilidade viária, entre outras) e equipamentos urbanos que, por sua vez, pudessem garantir a qualidade de vida a essas populações recém-chegadas.

O resultado desse processo – que chamaremos de “urbanização desigual” – são as gigantescas metrópoles industriais fordistas subdesenvolvidas, concentradoras da produção industrial e da massa de mão-de-obra disponível e marcadas pela divisão social do espaço urbano, que Lipietz (1985) chamou de “aglomerações paternalistas” típicas do ‘fordismo periférico’ (Ferreira. 2000, p. 13)

Ferreira (2000) acrescenta ainda que se podem verificar as condições de pobreza encontradas nessas cidades, basicamente, pela grande porcentagem de moradores que vivem em habitações subnormais, isto é, favelas, cortiços e loteamentos clandestinos. Essa situação se materializa, conforme o autor, em terrenos em área de risco ou de preservação ambiental, bem como em área útil insuficiente para o número de moradores, entre outros problemas.

Neste sentido, Aluísio de Azevedo (1975), em uma de suas obras naturalistas ambientada no final do século XIX, retratou o surgimento das habitações coletivas para abrigar as classes mais pobres na cidade do Rio de Janeiro:

[...] E naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa, começou a minhocar, a esfervilhar, a crescer, um mundo, uma coisa viva, uma geração, que parecia brotar espontânea, ali mesmo, daquele lameiro, e multiplicar-se como larvas no esterco. Durante dois anos o cortiço prosperou de dia para dia, ganhando forças, socando-se de gente (Azevedo, 1975, p. 20).

Assim, não obstante a natureza do estudo científico ou o gênero da obra literária, isto é, de Marx a Engels, de Sousa Santos a Maricato, de Ferreira a Azevedo, da filosofia à sociologia, da economia à antropologia, da geografia à literatura, entre outros e outras, verifica-se recorrente constatação e denúncia das condições de miserabilidade a que são submetidos os excluídos da cartografia urbana.

4. MARX: ALIENAÇÃO E FETICHISMO NAS CIDADES

Mészáros (1970) observa que a Teoria da Alienação de Marx se materializa especialmente nas grandes cidades, todavia não se aplica tão somente à falta de autonomia das pessoas sobre o próprio processo de trabalho, mas também à cultura, ao comportamento, às aspirações e aos sonhos. O ser humano vai comprimindo cada vez mais seu lado subjetivo e vai desenvolvendo cada vez mais o papel de profissional, isto é, vai deixando de interagir como pessoa e passa a agir como coisa.

Assim, observam-se as linhas de montagem, a produção em série, a compartimentalização dos processos de produção, o Fordismo, o Taylorismo, a coisificação, a objetificação do ser humano aos moldes do

filme *Tempos Modernos*⁶ onde as pessoas, empresas e processos de trabalho estão cada vez mais iguais de forma que o trabalhador não mais se reconhece em seu produto final e que o trabalho se constitui num eterno fardo e não numa fonte de realização pessoal.

Por seu turno, Georg Simmel (1903) enfatiza que uma grande cidade moderna basicamente se alimenta da produção para o mercado sendo, desta forma, essa produção destinada a fregueses desconhecidos que, por sua vez, jamais se encontram pessoalmente com os “verdadeiros produtores.”

Some-se a essa característica da vida nas cidades, tanto na 1ª quanto na 2ª e 3ª Revolução Industrial⁷, o fetichismo no qual as coisas são tratadas como entes vivos, plenos de personalidade e as pessoas só se reconhecem enquanto trabalhadores desempenhando o papel de mercadorias.

Percebe-se que essas tendências delineadoras têm se aprofundado através dos tempos, que a transformação do mundo em direção à alienação está cada vez mais acentuada em decorrência, principalmente, do crescente processo de não interação físico-presencial entre as pessoas.

No mundo atual, os seres humanos tendem a se confinar, não apenas, todavia, especialmente, nas grandes cidades. Verifica-se uma espécie de segregação em que as pessoas não se encontram mais. Antes, os parentes moravam na mesma rua; hoje, não têm sequer espaços de convivência. As famílias são mínimas e quase não há contato com avós, tios, primos e, por conseguinte, a vida se transformou em uma rotina alienante entre casa/trabalho, trabalho/casa.

Percebe-se, em muitos casos, que se torna quase que impraticável, num grande centro urbano, o encontro com amigos ou a prática de atividades recreativas ao final do dia quando se tem que enfrentar 2 a 3 horas no trânsito para ir e outra maratona para se regressar para casa. Por essas e variadas outras razões, especialmente no que se refere ao deslocamento para o trabalho, encontram-se tão atuais e recorrentes os debates, estudos, projetos e obras com foco na melhoria das estruturas de mobilidade urbana.

Ao discorrer sobre o ritmo alucinante que a vida na cidade impõe às pessoas e, ao mesmo tempo, acerca do quanto isso torna vazia a vida, Tolstói (2007) afirmava que a vida só era suportável nas cidades para as pessoas infelizes, de forma que alguém poderia até mesmo viver cem anos numa cidade e nem sequer se dar conta por que morreu e já apodreceu há muito tempo. Dizia Tolstói que faltava tempo para o exame de consciência, haja vista a multiplicidade de atividades que se exige ao viver em uma cidade.

Por sua vez, o escritor francês, Pierre La Rochelle, corrobora o entendimento de Tolstói acerca do vazio das cidades: “A cidade não é a solidão por que a cidade aniquila tudo o que povoa a solidão. A cidade é o vazio”.⁸

Sob esse mesmo prisma, Simmel, em sua obra - considerada um dos textos fundadores da sociologia urbana – *A Metrópole e a Vida Mental* (1903) – realiza um profundo estudo concernente ao fenômeno do

6 *Tempos Modernos*, de Charles Chaplin, foi lançado em 1936 nos Estados Unidos. Trata-se, entre outras questões, de uma crítica ao capitalismo e ao fordismo.

7 A 1ª Revolução Industrial ocorreu entre 1750 e 1850, a 2ª de 1850 a 1950 e a 3ª está em curso desde 1950 até os dias atuais.

8 Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/45033/a-cidade-nao-e-a> Acesso em: 02 dez. 2019.

embotamento dos sentidos provocado pelas intensas atividades urbanas e o conseqüente isolamento ao qual as mesmas se submetiam.

Nesse sentido, Alberto Caeiro, um dos heterônimos⁹ do poeta português Fernando Pessoa (1993, p. 32), traduz em versos o quanto a vida nas cidades vai tornando o homem menor ao fechar-lhe os olhos:

[...] Nas cidades a vida é mais pequena
Que aqui na minha casa no cimo deste outeiro.
Na cidade as grandes casas fecham a vista à chave,
Escondem o horizonte, empurram nosso olhar para longe de todo o céu,
Tornam-nos pequenos porque nos tiram o que os nossos olhos nos
podem dar,
E tornam-nos pobres porque a nossa única riqueza é ver (Pessoa, 1993,
p. 32),

Dessa forma, praticamente sem vínculos sociais, exacerba-se na vida das pessoas ainda mais o fetiche do automóvel, da televisão, do computador, da mansão, das joias e de um dos mais poderosos de todos os fetiches: o dinheiro.

Entretanto, verifica-se ainda a existência, nesses dias de pós-modernidade e da era virtual, do fetiche dos fetiches; o telefone celular, convertido em extensão física do corpo humano, fonte suprema de alienação que, disfarçado de instrumento de conectividade global, ao mesmo tempo que conecta, também aliena e isola. Travestido de fonte de interação planetária, conduz a todos ao afastamento até mesmo do vizinho, do amigo, do parceiro, do próprio filho. Vive-se sob o mesmo teto, mas não se convive, dorme-se no quarto ao lado, mas não se tem os mesmos sonhos.

Qualquer pessoa que esteja, neste exato instante, em uma cidade também qualquer, quer seja numa praça pública, shopping center, congestionamento de trânsito, arena desportiva, restaurante etc e observar o seu entorno, com certeza, verá algumas, diversas ou quase a totalidade das pessoas absolutamente concentradas em um aparelho de celular; tão próximas de todos e, ao mesmo tempo, tão distantes de si mesmas.

Com o advento da internet e as redes sociais, pode-se perceber em escala global esse grau de isolamento das pessoas que passam a viver em um mundo virtual. Esse fenômeno ocorre tanto em grandes cidades quanto médias e pequenas, expandindo-se, nos dias atuais, em muitas regiões, até mesmo para as zonas rurais.

5. A CIDADE E OS CIDADÃOS SOB A PERSPECTIVA SMITHIANA E DURKHEIMIANA

⁹ Alberto Caeiro era um poeta ligado à natureza, considerado o mestre ingênuo dos heterônimos de Fernando Pessoa.

Zorbaugh (1970) afirma que as pessoas dotadas de um espírito filosófico, ao contemplar os gigantescos arranha-céus de Nova York ou os edifícios de Chicago, viam as cidades como “o mais colossal artefato da criação do homem”. O autor também defende que as cidades pareciam “a flor mais exótica e artificial de uma civilização feita pelo homem”, um produto não só da força humana, mas do cérebro humano e da vontade humana.

No entanto, apesar de ser obra do homem, a cidade paradoxalmente resistia aos “decretos do homem”, ou seja, a cidade seguia seu próprio caminho independente da vontade do seu criador. Entende Zorbaugh que, o planejamento, a especulação e outros fatores, tais como a natureza humana, as tradições e as instituições, tentam interferir na formação e conformação da cidade, porém, em função de ter uma organização natural, a configuração da cidade em si é inflexível à mudança.

Em uma das crônicas¹⁰ em sua obra, *A Bagagem do Viajante*, José Saramago (1973)¹¹ elabora um impressionante retrato falado acerca da celeridade em que ocorria o crescimento das cidades, bem como algumas de suas consequências, via de regra, quase inevitáveis. Afirma o autor que as cidades, tal qual um ser vivo, alimentavam-se e cresciam predando o que se encontrava em seu entorno:

O grande alimento das cidades é a terra, que, tomada no seu imediato sentido de superfície limitada, ganha o nome de terreno, no qual, feita esta operação linguística, passa a ser possível construir. E enquanto nós vamos ali comprar o jornal, o terreno desaparece, e em seu lugar surge o imóvel. Houve um tempo em que esta cidade cresceu devagar. Qualquer prédio da periferia tinha tempo para perder a flor da novidade antes que outro viesse fazer-lhe companhia. E as ruas davam diretamente para o campo aberto, para o baldio, para as quintas abandonadas, onde pastavam autênticos rebanhos de carneiros, guardados por autênticos pastores. [...] (Saramago, 1973, p. 38).

Todavia, nem sempre foi assim; em outros tempos, as cidades cresciam mais lentamente. Conforme bucolicamente conclui o próprio Saramago, essa expansão do perímetro urbano gera uma série de sensações e perdas praticamente impossíveis de serem reparadas, tais quais a destruição da infância e da fraternidade. O autor constata que do alto dos prédios a vista é uniforme e melancólica e que quando as construções engolem as terras concretizam-se “uma grande injustiça e um remorso vago”, haja vista que:

[...] as terras eram também o paraíso das crianças suburbanas, o lugar da ação por excelência: ali se faziam descobertas e invenções, ali se traçavam planos, ali a humanidade de calções se dividia já, por imitação

10 Crônica As Terras.

11 Escritor português. Prêmio Nobel de Literatura 1998.

dos adultos [...]. Hoje, a cidade cresce tão rapidamente que deixa para trás, sem remédio, as infâncias. Quando, a criança se prepara para descobrir as terras, elas já estão longe, e é uma cidade inteira que se interpõe, áspera e ameaçadora. Os paraísos vão-se afastando cada vez mais. Adeus, fraternidade. Cada um por si. [...] (Saramago, 1973, p. 38).

As cidades cresceram e continuam crescendo em ritmo descontrolado. Desta forma, nega-se uma das máximas de Platão¹²: “A cidade pode crescer até o ponto em que conserva sua unidade, mas nunca além disso.” O que se constata é que as “selvas de pedra” crescem muito além de qualquer ponto racionalmente compreensível. Ignacy Sachs, no Jornal Folha de São Paulo de 23/10/1995, afirma que “pela lógica cartesiana, São Paulo, entre outras, já deveria ter sofrido um colapso”.

Numa perspectiva liberal, as cidades são resultado de um fenômeno muito complexo no qual há uma espécie de mecânica, um processo natural que vai conformando as formações urbanas. Tanto na visão de Adam Smith (1985) quanto de Émile Durkheim (2010), há um ceticismo com relação à capacidade humana de alterar essa dinâmica, essa mecânica que conforma e molda as cidades. Assim como a formação das cidades, a condição humana, nas perspectivas Smithiana e Durkheimiana, é resultado de um processo duradouro, espontâneo e bastante poderoso, ou seja, muito além da capacidade de intervenção do homem.

Segundo o pensamento de Smith (1985), a formação das cidades está ligada à divisão do trabalho. Nesse sentido, observa-se que os países foram criando cada vez mais zonas de especialização, como por exemplo, fábricas de vinho em Portugal ou de relógios na Suíça. Assim sendo, as pessoas produziam e iam para as cidades vender os seus produtos. Como consequência natural disso, o tamanho das cidades foi aumentando haja vista que se viam nas mesmas as oportunidades de realização.

Essa ideia de que na cidade, a pessoa poderia exercer sua atividade, desenvolver-se profissionalmente bem como ser aceita se constituiu um processo natural, bastando apenas que o Estado não atrapalhasse. Desta forma, a sociedade humana podia vivenciar cada vez mais novas situações e interações culturais, linguísticas, entre outras.

Para o processo de formação das cidades contribuiu também, conforme a perspectiva sociológica de Durkheim (2010), o fato de que o homem é um ser biológico evoluído de primatas sociáveis. Nessa visão, ao viver em grupos, o ser humano é condicionado pelo processo de socialização; aprende receitas de comportamento, isto é, em essência, não existe o indivíduo, ele não faz suas escolhas. O processo de escolhas é muito restringido, pois elas já são previstas.

Portanto, muito antes de ter condições de fazer escolhas relevantes, os homens têm padrões, julgamentos, punições e premiações. Trata-se de um processo muito mais complexo e variável de acordo com o contexto em que cada indivíduo está inserido, sendo que boa parte de suas motivações e escolhas são guiadas, ou seja, apesar de que se acredita ser algo individual, todavia, trata-se de um processo de

¹² Filósofo grego que viveu entre 427 e 347 a. C. Nesse ponto, cabe destacar que Platão falava do domínio e dimensão das Cidades – Estado da Grécia antiga.

acumulação de experiências. Por conseguinte, o ser humano é, sobretudo, resultado de um processo de gestação de ideias.

Segundo Durkheim (2010), o que existe realmente do indivíduo é a anomia, ou seja, quando a sociedade não funciona, quando a sociedade o deixa escapar devido à imperfeição dos mecanismos de absorção. Eis aí a fonte da agressividade; assim, crimes são desvios explicados pela anomia, por exemplo.

Na perspectiva de Smith (1985), o homem, no seu tempo livre, quer se divertir, comer, sair, interagir, enfim. Enquanto que para Durkheim (2010), o homem, apesar de querer interagir, tem tendência a não interagir, a se matar. Logo, o que o coage a viver em sociedade é o processo de socialização através de seus valores e processos culturais.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme se verifica globalmente, a intensa urbanização se configura como um fenômeno consolidado e praticamente sem perspectivas de retorno. Não obstante, tanto os fatores atrativos quanto os repulsivos não exercem mais os impactos tão significativos quanto exerciam há meio século sobre as migrações internas, percebe-se ainda nos dias atuais a tendência mundial à formação de megalópoles ou megacidades¹³ que são caracterizadas basicamente, no entendimento de Freitag (2006, p. 153) pelo “crescimento descontrolado, desregrado da população urbana, que faz transbordar os limites naturais e administrativos da cidade, tornando-a insustentável.”

Essa insustentabilidade, pode ser comprovada na relação causa/consequência entre a urbanização desordenada e o “*apartheid* social” materializado na segregação residencial, na falta ou dificuldade de acesso aos bens, às estruturas públicas e ao emprego formal, na exposição a todas as formas de violência, nos impactos deletérios ao meio ambiente e na maior vulnerabilidade à deterioração das relações e dos valores humanos, haja vista que os impactos de toda essa perversa dinâmica recaem geralmente sobre as camadas mais pobres da população.

A partir dessas reflexões, pode-se depreender que não apenas mais políticas públicas efetivas urgem ser implementadas em âmbito global com vistas a trazer para níveis minimamente aceitáveis as sub-humanas condições de vida dos habitantes dos subúrbios do capitalismo mundial, em especial nas grandes cidades, mas também se faz urgente uma profunda revisão de conceitos no estilo de produção e consumo nos dias atuais.

REFERÊNCIAS

Acosta, Alberto. *O bem viver. Uma oportunidade para imaginar outros mundos*. Rio de Janeiro: Editora Autonomia Universitária, 2016.

Azevedo, Aluísio. *O Cortiço*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1975.

Becker, Howard. A escola de Chicago. *Mana*, Rio de Janeiro, vol. 2, nº 2, out. 1996. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131996000200008>. Acesso em: 25 jan. 2019.

¹³ População superior a 10 milhões de habitantes.

- Durkheim, Émile. *Da Divisão do Trabalho Social*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- Engels, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo, 2008.
- Eufrásio, Mário A. *Estrutura Urbana e Ecologia Humana*. A Escola sociológica de Chicago (1915-1940). São Paulo: Editora 34, 1999.
- Ferreira, João Sette Whitaker. *Globalização e urbanização subdesenvolvida*. São Paulo em Perspectiva, v. 14, 2000.
- Freitag, Bárbara. *Teorias da cidade*. Campinas (SP): Papyrus, 2006. 192p.
- Gottdiener, M. A. *A produção social do espaço urbano*. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2010.
- La Rochelle, Pierre. *A cidade não é a solidão porque a cidade aniquila tudo o que povoa a solidão. A cidade é o vazio*. Disponível em: <<https://www.escritas.org/pt/t/45033/a-cidade-nao-e-a>>. Acesso em: 02 dez. 2019.
- Lúcio, Magda de Lima. *Teorias da Cidade*. *Sociedade e Estado*. Brasília, v. 22, nº. 3, set./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v22n3/10.pdf>>. Acesso em: 03 dez. 2019.
- Maricato, Hermínia. *Metrópole, legislação e desigualdade*. *Estudos avançados*, v. 17, nº 48, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000200013>. Acesso em: 03 dez. 2019.
- Marx, Karl. *O Capital*. Livro 1. 2ª ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.
- Mészáros, I. *A Teoria da Alienação em Marx*. São Paulo: Boitempo, 1970.
- Oliveira, Patrícia Eugenia. *La ciudad y la gestión neoliberal em el caso de Mexico*. In: Pereira, Paulo Cesar Xavier (org). *Negócios imobiliários e transformações sócio territoriais em cidades da América latina*. São Paulo: FAUUSP, 2011.
- Pessoa, Fernando. *O Guardador de Rebanhos*. In: *Poemas de Alberto Caeiro*. Lisboa: Ática, 10ª ed. 1993.
- Sachs, Ignacy. *Lógica cartesiana*. *Jornal Folha de São Paulo* de 23/10/1995.
- Saramago, José. *A Bagagem do Viajante*. Portugal: Editorial Futura, 1973.
- Smith, Adam. *A Riqueza das Nações*. São Paulo: Editora Global, 1985.
- Simmel, Georg. *As grandes cidades e a vida do espírito* (1903). *Mana*, vol.11, nº 2, Rio de Janeiro Out. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132005000200010>. Acesso em: 03 dez. 2019.
- Sousa Santos, Boaventura. *Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes*. *Revista Crítica das Ciências Sociais*, nº 78, 2007.
- Tolstói, Lev. *A Sonata a Kreutzer*. Tradução de Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2007.
- Zourbach, H.W. "Áreas Naturais". In: PIERSON, Donald. *Estudos da Ecologia Humana*. São Paulo: Martins Fontes, Cap. XXI, 1970.